

Análise das relações interpessoais na aula de educação física escolar

Júnior Inácio da Silva¹

jrjuniors@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho surgiu da necessidade de esclarecer e discutir alguns pontos relacionados à educação física e as relações interpessoais construídas entre os alunos ao longo da prática. Teve como objetivo analisar essas relações dentro das aulas e a partir de um contexto de desenvolvimento infantil mostrar características importantes de cada realidade. Foram analisadas duas turmas de 4ª série de uma escola pública, em uma faixa de baixa renda, onde foram aplicados questionários sociométricos, através de escolhas entre os alunos e também uma entrevista com a professora de Educação Física. Como resultado foi verificada uma grande variedade na forma das relações interpessoais entre as crianças, questões relacionadas a gênero, indisciplina, alguns líderes e pessoas populares na turma, diferentes níveis de aptidão motora e afetiva, mostrando a importância que as mesmas possuem dentro do contexto escolar, já que se apresentam fatores pontuais na forma como os alunos vão se desenvolver integralmente.

Palavras – Chave: Educação Física; Relações Interpessoais; Desenvolvimento Infantil.

ABSTRACT

*This work arose from the need to clarify and discuss some points related to physical education and interpersonal relationships built among students throughout the practice. The objective was to examine these relationships within school and from a context of child development show important characteristics of each situation. We analyzed two groups of 4th grade public school in a lower income bracket, where they were administered sociometric through choices among students and also an interview with the teacher of Physical Education. As a result there had been a great variety in the form of interpersonal relationships among children, issues related to gender, discipline, leaders and popular people in the class, different levels of motor fitness and emotional, showing the importance that they have within the school context, since they have specific factors in how students will develop fully. **Keywords:** Physical Education. Interpersonal Relationships. Child Development.*

¹ Júnior Inácio da Silva – Licenciado em Educação Física

INTRODUÇÃO

A criança caracteriza-se principalmente pela sua espontaneidade, alegria, sinceridade, sua vontade de brincar e interagir com os outros a todo o tempo. Nessa fase de suas vidas a construção de um vasto repertório motor aliado à liberdade para que as mesmas criem e adaptem melhores formas para satisfazer suas necessidades no que tange ao movimento torna-se fundamental e imprescindível.

Como refere Debortoli e Borges (1997 apud OLIVEIRA, 2005, p. 104): “A consolidação de quaisquer propostas de educação deve instigar o fortalecimento de uma concepção de criança que a considere como ser humano completo, em processo de desenvolvimento”.

O desenvolvimento infantil é marcado por algumas fases importantes, com suas características bem consolidadas. Fisicamente a criança se desenvolve desde o estágio embrionário, dentro da barriga da mãe. Ela já recebe estímulos que são importantes para o seu crescimento, seus órgãos vão se aprontando, seu corpo tomando forma, e já há uma interação mãe-filho bastante importante. Após o nascimento, a amamentação é o elo mais forte entre mãe e bebê, o sentimento de dependência vai se fortalecendo. A mãe estimula seu filho ao tocar-lhe, dar banho, acariciar, manter um contato visual próximo, quando fala ou pega a criança no colo. (BLADES, COWIE & SMITH, 1998)

Então a mesma começa a crescer, seus movimentos se tornam mais de acordo com suas necessidades, começa a entender as coisas, comunicar-se, andar, falar, interagir com o ambiente onde ela vive.

Do ponto de vista motor, a criança é estimulada desde o princípio de sua vida, seus brinquedos podem lhe propiciar isso. Mas sozinha ela pode não se subsidiar das ferramentas básicas para se tornar um adulto hábil, e com um bom repertório motor. Le Boulch, um dos maiores pesquisadores e pensadores sobre a motricidade, quando fala na educação motora diz que,

[...] ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares; leva a criança a tomar consciência de seu corpo, da lateralidade, a situar-se no espaço, a dominar o tempo, a adquirir habilmente a coordenação de seus gestos e movimentos. A educação psicomotora deve ser praticada desde a mais tenra idade; conduzida com

perseverança, permite prevenir inadaptações, difíceis de corrigir quando já estruturadas. (LE BOULCH, 1982, p. 25)

É nessa fase da infância, até a faixa dos 8 aos 10 anos, que a criança precisa ser estimulada no âmbito motor, para que possa carregar uma boa bagagem motriz ao longo de sua vida. Neste mesmo período, do ponto de vista cognitivo, a criança aprende através de repetições, de memorização, de imitação, de observação. Jean Piaget (1951, apud BLADES, COWIE & SMITH, 1988) nos fala dos conceitos de assimilação e acomodação.

A assimilação acontece quando a criança observa uma nova experiência e a adapta a um esquema cognitivo já existente. Um exemplo é quando ela conhece os jogos futebol e pique-esconde, e é provável que por um tempo da sua vida ela chame todos os esportes com bola de futebol, e todas as brincadeiras com corrida de pique-esconde, e todos os novos serão incluídos nessas duas categorias. Já a acomodação acontece quando a criança adapta um esquema já existente a um novo meio, como quando a mesma criança percebe que o vôlei pode distinguir-se do futebol, e esta passa a desenvolver esquemas diferentes de conhecimento.

O desenvolvimento social da criança faz parte desse contexto de maturação do ser humano. Essa consciência social se dá principalmente no convívio com os pais, com os amigos, colegas de escola. A criança passa a construir habilidades sociais, que são definidas como um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa os sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos. (CABALLO & MARINHO, 2002)

No início de sua vida social a criança deve compreender que é diferente das outras pessoas que possuem certas independências, no caso dos adultos, mas deve acima de tudo desenvolver uma noção do “eu” como uma individualidade distinta das outras. (BLADES, COWIE & SMITH, 1998)

É grande o papel da família como a mediadora entre a criança e a sociedade, pois esta deve possibilitar a sua socialização, elemento essencial também para seu desenvolvimento cognitivo. A criança aprende muito com a sua família, seus pais são os espelhos, ela irá imitá-los e parte daí a importância de uma educação social sadia. As primeiras relações, conversas, pedidos, negociações, sentimentos exteriorizados pela criança, serão para seus pais. Os limites devem ser corretamente impostos por eles, a compreensão com responsabilidade é fundamental

para eles, a preparação para um comportamento perante a sociedade no futuro deve ser feita pelos pais em casa, eles têm um papel infinitamente importante na educação de seus filhos.

Bronfenbrenner (1996) destaca ainda que nos ambientes onde as crianças vivem, que são denominados como microssistemas (casa, escola, igreja, programa de atividades físicas), é que elas aprendem e expressam os valores, a cultura, as crenças e um estilo de vida da rede social onde estão inseridos. Segue ainda a idéia dizendo que dentro desses microssistemas existem muitas formas de relações interpessoais e com números variados de participantes, e que são importantes para o desenvolvimento humano em dois aspectos. Além de servirem como bloco construtor básico do microssistema, elas também por si só constituem contexto crítico para o desenvolvimento, pois se tratam de relações onde há observações, atividades conjuntas, relações afetivas e de poder, que vão construir a identidade social dessas pessoas. (BRONFENBRENNER, 1996)

Dentro dessa idéia de microssistema existem três elementos propostos por Bronfenbrenner a serem considerados; as atividades, as relações interpessoais e os papéis. As atividades são o contexto que nos leva a manter a relação com outras pessoas, como por exemplo, quando discutimos sobre um fundamento de determinado esporte na aula de educação física, ou seja, o fato que nos une para mantermos uma relação ali no momento. As relações interpessoais são o que já carregamos, como a amizade com a pessoa, a afetividade, o elo que nos liga a essa pessoa para que queiramos conversar, jogar, passear, etc. É o que já construímos na relação com essa pessoa e que nos faz ter prazer de estar ao seu lado. Os papéis segundo Bronfenbrenner (1996) são uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição no meio social. É quando, por exemplo, escolhemos um colega para jogar na nossa equipe na aula de educação física, pois esperamos que ele jogue bem, que satisfaça às expectativas fazendo jus a escolha, “que cumpra seu papel” podemos assim dizer.

Para entender as relações que as crianças mantém na escola, é necessário compreender o contexto de desenvolvimento no qual elas estão inseridas. Individualmente elas apresentam contextos diferentes e que se confrontam com a forma de vida dos demais, e é essa interação que irá construir novas formas de convívio, ou até mesmo uma relação verdadeira entre elas. Bronfenbrenner (1996) já nos diz que o que importa para a compreensão do comportamento é o ambiente como ele é percebido, ou seja,

entender como essa criança no caso está entendendo o meio, o ambiente em que vive, para podermos compreender a forma como a mesma age.

As crianças influenciam o ambiente onde estão inseridos quando por exemplo, fazem uma atividade nova, criam coisas, quando estimulam alguém, quando estabelecem alguma forma de vínculo com outras que estão no mesmo meio, assim como são influenciadas por estas. Cada uma tem sua particularidade nessa forma de convívio com o ambiente, os chamados “processos proximais”, que variam de pessoa para pessoa, como referem Bronfenbrenner e Morris (1998, apud NASSER & SARTORI, 2004).

Se considerarmos uma aula de educação física dentro da escola, esses processos proximais são importantes dentro desse contexto de desenvolvimento estarão acontecendo a todo o tempo. Em uma conversa, em uma orientação tanto do aluno como do professor, nas mais diferentes atividades, sejam quais forem os objetivos dessa aula, e acontecem no âmbito motor, social, afetivo, e de todas as formas possíveis. A relação entre as crianças é motivada pela participação, e contudo essa participação vem da vontade que as mesmas possuem de aprender coisas novas e experimentar através do corpo sensações de alegria e prazer.

No modelo bioecológico de Bronfenbrenner existem quatro aspectos multidirecionais que são encontrados dentro das relações interpessoais e que são inter-relacionados. A pessoa, o processo, o contexto e o tempo. Quando se fala na pessoa basicamente quer se fazer menção às características que são inerentes ao indivíduo, como gênero, temperamento, caráter, cor da pele. Coisas que são particulares e individuais. Muitas vezes heranças genéticas ou até mesmo bagagens da forma de convívio nos seus lares e que moldam a forma como ela se apresentará e disporá perante as situações da vida.

Bronfenbrenner (1996) ressalta que nenhuma característica individual sozinha irá representar função de influência sobre o desenvolvimento humano se não forem respeitadas três características básicas. A disposição que é uma característica intrínseca e que parte da pessoa, como no exemplo da aula de educação física, pois essa disposição é que gerará a motivação por parte do aluno em participar ativamente ou não das atividades. Seus recursos biológicos de habilidade, que farão com que a mesma possa ser entendida como alguém que sabe fazer algo, ou que tem algo a oferecer, a ponto de ser requisitada ou procurada, e essas habilidades são de toda a forma, motora, social, afetiva, cognitiva, etc. Sem essas habilidades os

processos proximais não acontecem, como no caso do aluno que é muito bom em um esporte, e que sempre é lembrado pelos seus colegas na hora de executar alguma tarefa relacionada a ele. E por último as demandas, que podem encorajar a pessoa e alimentar as relações proximais ou até mesmo rompê-las se não bem executadas ou satisfeitas.

O processo se apresenta como o dia-a-dia da pessoa em desenvolvimento. Segundo Bronfenbrenner e Morris (1998, apud NASSER & SARTORI, 2004) o conjunto de atividades e relações cotidianas é que vão gerar o desenvolvimento em função das características pessoais. A chave do desenvolvimento é o processo, é o que fará completa diferença já que é nesse momento que as relações interpessoais ocorrem, é ali que surgem fatos novos, idéias diferentes, descobertas, que se tem alegrias e aprende-se com elas, mas também que podem surgir discordâncias ou sentimentos tristes, e também se agrega muito conhecimento e experiências. O processo é contínuo e deve ser para que estimule a todo o tempo as crianças a buscarem esse desenvolvimento.

O contexto se apresenta de uma forma geral, no ambiente na sua totalidade, onde a pessoa está inserida. Desde os contextos mais locais, como a família, até uma forma de organização muito maior, como um país, uma cultura e a política econômica, por exemplo. Dividem-se em micro, meso, exo e macrosistemas, cada um com suas características individuais, e que interferem na qualidade das relações interpessoais.

Já o tempo é de certa forma uma abordagem mais histórica da vida das pessoas e que pode de certa forma alterar os parâmetros de desenvolvimento, na medida em que as relações culturais vão se modificando. Por vezes fatos são marcados em nossa memória e podem afetar nossa forma e desenvolvimento em alguma fase da vida.

Com relação direta ainda à sociedade que envolve as crianças e seus comportamentos, Neto (2001) traz a idéia que para repensar a criança nos dias de hoje é necessário antes de tudo repensar a vida em sociedade, sua estrutura e política educacional. Garantir possibilidade de expressão das necessidades de movimento para as crianças em um clima afetivo conveniente.

[...] as relações entre colegas, na infância, contribuem significativamente para o desenvolvimento interpessoal e

proporcionam oportunidades únicas para a aprendizagem de habilidades específicas que não podem ser obtidas de outra forma nem em outros momentos. (CABALLO e MARINHO, 2002. p. 142)

Do ponto de vista da pesquisa em relações interpessoais, o nível de relacionamento entre os colegas de escola pode ser mensurado através do teste sociométrico, que segundo Tremea (2004) é utilizado para verificar a medida das relações sociais no interior de um grupo. Pode-se revelar através da sociometria as principais relações das crianças na turma, suas preferências, os colegas que são líderes, os excluídos, enfim, o nível de relacionamento interpessoal entre todos e que sem dúvida pode ser decisivo para o desenvolvimento das crianças dentro daquele ambiente. O teste realiza-se quando alunos elegem na turma, secretamente, aqueles com os quais se sentem mais a vontade para algumas atividades, que gosta de ser companheiro, ou simplesmente que gostaria de brincar ou praticar alguma atividade, por exemplo, na aula de educação física. (TREMEA, 2004)

De acordo com Merino e Tenroller (2006, p. 29) “A educação física que se dá no meio escolar tem propósitos de promover de forma global aspectos motores e psicossociais, socialização, domínio corporal”. O ambiente da aula de educação física passa a ser um momento de apropriação de conhecimentos inerentes a qualidade de vida do ser humano, quando pensamos que os valores sociais, muito trabalhados ali, são exercitados a todo o momento em nossas vidas, quando nos lembramos do domínio corporal, tão vital e importante, e também no momento que refletimos os aspectos psicossociais, que nada mais são que a capacidade de aliar nosso caráter e maneira de ser, nossas experiências, ao convívio de nossos amigos e colegas.

Mallanovicz (2003, apud MERINO E TENROLLER, 2006) ainda lembra que a educação física na escola possibilita ao indivíduo o desenvolvimento de atitudes morais como honestidade, lealdade, respeito e cooperação. As relações interpessoais entre os alunos, e entre alunos e professores surgem naturalmente e devem estas surgir, pois senão a aula não tem sentido algum. Lideranças surgem, alunos acabam um pouco excluídos, outros se incluem até demais

a ponto de causarem discórdias ou desrespeitos. Cada aula apresenta grupos diferentes, pessoas diferentes, situações diferentes, caracterizando a perspectiva ecológica destes processos.

A escola representa a extensão da casa das crianças, onde experimentam novidades, aprendizados, situações diferentes a cada dia. Dentro dessa idéia e levando em consideração com quem as mesmas se relacionam é vital ressaltar como a comunicação com os colegas é chave para o enriquecimento moral das crianças. As influências são as mais variadas possíveis e o somatório das mesmas é que irá produzir conceitos e idéias dentro desses indivíduos ainda tão inocentes, promovendo o desenvolvimento infantil.

Dessa forma, a partir das considerações apontadas acima, principalmente no estudo da teoria bioecológica de Bronfenbrenner, e da importância de estudar estas variáveis do comportamento infantil na aula de educação física, o objetivo desse estudo é analisar as relações interpessoais na aula de educação física escolar.

METODOLOGIA

Este estudo teve como objetivo analisar as relações interpessoais entre crianças na faixa dos 10 anos e se caracteriza como um estudo descritivo-exploratório que busca verificar no campo os dados, aliados às literaturas existentes sobre o tema, correlacionando com um contexto de desenvolvimento humano apontado na teoria ecológica de Bronfenbrenner.

Participaram deste estudo aproximadamente 40 crianças de duas turmas de 4º série de uma escola pública do município de Guaíba.

Os instrumentos utilizados durante a pesquisa de campo para a coleta de dados foram o questionário e a entrevista.

O questionário utilizado teve sua forma definida pelo teste sociométrico, que de acordo com Deltme e Vermeulen (apud TREMEA, 2004) “[...] consiste em pedir a cada membro do grupo que escolha e recuse os outros membros por uma atividade que bem precisa. As motivações sociométricas são razões de escolha e recusa.”

Consistiu de quatro perguntas onde os indivíduos assinalavam suas preferências dentro a turma, revelando assim algumas características das relações interpessoais dentro da aula de Educação Física. Por duas vezes o questionário foi aplicado e dentro dele haviam duas questões que não eram de interesse do estudo e estas foram alteradas do primeiro para o segundo momento.

Elas estavam presentes justamente pelo fato de o instrumento não se tornar repetitivo, porém, as questões que seriam analisadas se repetiram nos dois dias.

Os questionários foram realizados em sala de aula, e uma pequena observação do comportamento das crianças já pôde ser feita. Embora pouco tempo, alguns alunos já se mostravam mais próximos de outros, ou então àqueles que ficavam no seu canto e não falavam uma palavra durante a aplicação do instrumento.

A entrevista realizada consistiu em um encontro com a professora de educação física das turmas 41 e 42, a fim de obter informações a respeito da realidade das mesmas e de suas características, mediante uma conversação de natureza profissional (MARCONI E LAKATOS, 2003). Serviu como complemento para o estudo sociométrico e tornou a análise dos dados mais abrangente e veio ao encontro com o que foi coletado no questionário.

A entrevista foi semi-estruturada onde foi utilizado um roteiro de perguntas previamente estipuladas, mas que em determinados momentos algumas informações espontâneas foram sendo perguntadas, e elementos diferentes apareceram na conversa (APPOLINÁRIO, 2006).

Para a análise dos dados com relação ao teste sociométrico foram investigadas as frequências das escolhas e representadas em gráficos. No caso dos gráficos que apresentam primeira e segunda escolha os limites, que serão explicados adiante, foram dobrados, devido ao número de possibilidades para escolha que também aumentaram duas vezes. Na medida em que são feitas as análises são apresentados relatos que foram obtidos na entrevista com a professora de educação física, de acordo com a categoria de análise que está sendo apresentada. Ainda com relação à entrevista da professora, os relatos foram organizados em categorias que ressaltam o objetivo do estudo.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste tópico serão apresentados os resultados do estudo a partir do objetivo proposto. Os resultados estão desenvolvidos dentro da idéia das relações interpessoais, e serão divididos em subgrupos, que aparecem implícitos ao longo do texto, como questões de gênero, habilidades motoras, indisciplina, popularidade e individualismo.

Em um primeiro momento será apresentada a dinâmica das relações interpessoais, em cada turma, através de gráficos sociométricos,

com posterior discussão dos dados segundo a literatura.

A sociometria foi realizada para identificar as preferências dentro das turmas, nos aspectos afetivo e motor. Os limites no sociograma foram estabelecidos a partir da média do total de indicações dividida pelo número de indivíduos do grupo. No limite inferior (LI), encontra-se a proporção de sujeitos não indicados no grupo, porém ele não se configura como rejeitado, mas às vezes ganha o nome de abandonado. No limite médio (LM), encontram-se os escolares situados na média das escolhas, ou seja, os que obtiveram de 01 a 03 escolhas. No limite superior (LS), encontram-se os escolares que poderiam ser considerados como líderes ou populares, devido às escolhas recebidas, como refere Vayer e Roncin (1989, apud MELATTI 2007, p. 9). Os alunos estão representados pelos números, e que se repetem nos demais gráficos, de acordo com suas respectivas turmas.

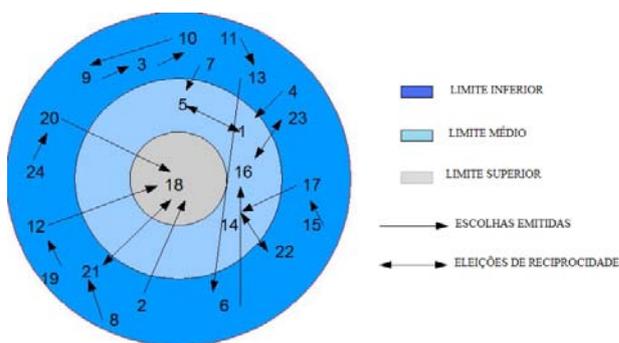


Gráfico 1: Análise da 1ª escolha motora da turma 41 em um primeiro momento, ou seja, no primeiro questionário aplicado. Ao serem questionados sobre quem escolheriam para sua equipe na aula de educação física, apontaram seus colegas.

Pode-se notar analisando o gráfico, que o aluno de número 18 foi bastante apontado pela turma, o que pode ser fruto do seu nível de popularidade. A popularidade entre as crianças é fruto da convivência, e dentro de uma turma escolar essa convivência se torna cotidiana, o que aumenta portanto esse nível de aceitação por parte de vários colegas ou de um grande grupo para com uma criança em especial. Segundo Newcomb, Bukowski e Pattee (1993, citado por PAPALIA & OLDS, 2000) o comportamento dessas crianças mais favorecem do que diminuem os objetivos das outras. Elas são dignas de confiança, leais e abertas o suficiente para oferecer apoio emocional para as outras crianças. Suas habilidades sociais superiores e bastante desenvolvidas, fazem com que todos, ou pelo menos a maioria do grupo, gostem de estar com elas. Em todos os momentos da pesquisa o aluno 18 foi citado por seus colegas, e isso independia

se fosse no quesito relacionado aos recursos motores ou afetivos.

Ainda na análise do gráfico é possível notar 3 escolhas recíprocas, onde os alunos se escolhem mutuamente, e um fato bastante relevante é que em apenas uma delas, e esse fato se repete em quase todas as perguntas, existe uma relação recíproca de escolha entre um menino e uma menina, no caso dos números 5 e 1. Os grupos se mostram bastante heterogêneos na questão de gênero e nesse momento nota-se essa reciprocidade.

Reciprocidade essa que é bastante discutida por Bronfenbrenner (1996) quando o mesmo diz que em qualquer relação interpessoal, e especialmente no curso de uma atividade conjunta, momento no qual dois participantes se percebem fazendo algo juntos, o que A faz influencia B e vice-versa. Lembra também que essa relação gera um feedback mútuo capaz de motivar os participantes não só a perseverarem, mas também a se engajarem em padrões de interação que vão se tornando progressivamente mais complexos. E o resultado dessa interação recíproca geralmente é uma aceleração do ritmo e aumento da complexidade dos processos de aprendizagem, onde um aprende com o outro.

Essa relação recíproca se mostra muito importante dentro da aula de educação física, pois professor e alunos se encontram em um momento onde o mais importante é que possam estar fixados em uma mesma idéia, no processo de aprendizagem, gerando assim processo proximais geradores de desenvolvimento. Neste sentido para a efetivação de tais processos proximais é importante que vivenciem uma atividade conjunta, gerando significado real para ambos os lados. O poder desenvolvimental de uma relação onde há atividade conjunta se deriva do fato de ela se intensificar e portanto apresentar um grau mais elevado, fortalecendo assim as relações interpessoais (Bronfenbrenner, 1996).

Sendo assim o aluno compreendendo a atividade, o objetivo da aula, cada vez mais poderá evoluir dentro do que for pedido pelo professor. Fazendo com que ocorra um maior sentido em brincar juntos, em participar, em cooperar. Neste sentido, pode dizer que os papéis desempenhados passam a ser pontos positivos para a qualidade da aula de Educação Física.

As crianças se beneficiam de diversas maneiras ao brincarem com seus pares. Elas desenvolvem habilidades necessárias para a

sociabilidade e a intimidade, fortalecem os relacionamentos e adquirem o senso de pertencer. Elas são motivadas a realizar e adquirem um senso de identidade. Elas adquirem liderança, habilidades de comunicação, cooperação, papéis e regras. (PAPALIA & OLDS, 2000, p.295)

Na entrevista realizada com a professora de turma porém, ela não relatou a mesma idéia, quando perguntada se dentro da aula os alunos cooperam, se ajudam, conversam durante a atividade ou trabalham em grupo, ela disse,

“Eles são mais individualistas, pela questão da idade né, eles ainda são mais individualistas.” (Prof. Ed. Física)

Em atividades competitivas esse efeito fica sim justificado, pois o objetivo do aluno seria ganhar, mas nas atividades cooperativas fica complicado pensar que as crianças deixariam de se unir ou trabalhar em grupo. E a literatura nos mostra a importância que tem o trabalho com essa duas faces, pois as atividades competitivas, como os esportes, ajudam a criança a desenvolver seu auto-conceito e fortalecer sua auto-estima, como também servem para que elas se comparem com outras da mesma idade, obtendo assim uma visão realista de suas habilidades, e as atividades não-competitivas, as cooperativas por exemplo, oferecem oportunidades para fortalecer os laços de amizade e as relações interpessoais. (PAPALIA & OLDS, 2000).

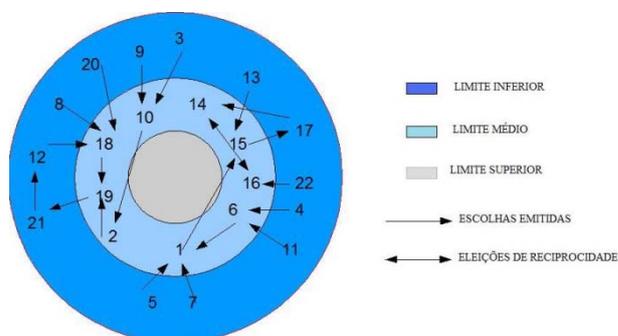


Gráfico 2: Análise da 2ª escolha afetiva da turma 41 em um segundo momento. Ao serem questionados sobre quem convidariam para brincar na sua casa, apontaram seus colegas.

Na análise desse gráfico podemos

constatar também que o aluno de número 18 se apresenta como um destaque na segunda escolha feita pelos alunos, porém não tão grande como no gráfico anterior. Três alunas, 1, 14 e 16 mantiveram-se na mesma média tanto nas escolhas que envolvem aspectos motores quanto nas escolhas que envolvem aspectos afetivos, o que mostra que independe do tipo de papel que desempenharão, seja brincando ou na equipe durante a aula de educação física, são lembrados por seus colegas. E essa situação pode ser explicada devido ao laço afetivo que certamente foi criado entre essas crianças. Existe inclusive uma reciprocidade que ajuda a confirmar essa idéia. Bronfenbrenner (1996) mostra que conforme os participantes, no caso as crianças da turma, se envolvem em relações e interações interpessoais, é provável que desenvolvam sentimentos pronunciados um em relação ao outro, e são esses sentimentos, quando são positivos e recíprocos, que favorecem os processos desenvolvimentais.

Esta análise pode ser feita evidenciando que algumas características presentes em alguns dos alunos (recursos pessoais) podem gerar demandas positivas que segundo Bronfenbrenner e Morris (1998) fazem com que encorajem os outros alunos a se aproximem destas crianças.

Provavelmente, algumas dessas crianças já entraram para um nível classificado como superior na análise das relações interpessoais, a chamada díade primária. Essa acontece quando continua existindo vínculo entre os participantes mesmo quando eles não estão juntos (Bronfenbrenner, 1996). Os membros continuam existindo no pensamento um do outro, são objetos de fortes sentimentos e influenciam de alguma forma no comportamento do seu amigo.

De acordo com o estudo de Costa (2008) sobre as relações interpessoais de escolares entre 6 e 7 anos de idade, todas as crianças estudadas que apresentavam características de díades primárias com outros colegas mantinham relações com eles fora do ambiente escolar, brincando na rua ou em suas casas, o que deixa claro que é muito provável que as crianças que apresentaram reciprocidade no aspecto afetivo também constituem esse nível de relação.

Neste sentido, Bronfenbrenner (1996) ressalta que a aprendizagem e o desenvolvimento são facilitados pela atividade recíproca com alguém a quem a pessoa desenvolveu um apego emocional sólido e duradouro, e quando o equilíbrio de poder gradualmente se altera em favor da pessoa em desenvolvimento.

É necessário destacar que nesse gráfico muitos alunos acabaram ficando de fora das escolhas, ao total são 10 crianças que não são indicadas por nenhum dos participantes, no

entanto, 5 deles foram lembrados na primeira escolha. O que notou-se também com bastante clareza foi que muitas crianças entraram para uma faixa média de escolhas. Isso se deve principalmente ao nível de amizade que a turma apresenta. A maioria das crianças se dá bem, não existem casos de exclusão ou de poder absoluto de uns sobre os outros. Isso contribui de forma bastante decisiva para o bom andamento das aulas, sejam elas de educação física ou de qualquer outro componente curricular. A unidade da turma no aspecto de comportamento e participação se mostra importante para que o ambiente seja favorável ao desenvolvimento. A professora ressalta isso em um trecho da sua entrevista. Quando perguntada se a relação entre os alunos em geral é boa, durante as atividades de aula, se há tranquilidade, ela respondeu,

“Na 41 é uma turma muito calma nesse sentido, é uma turma bem tranquila.” (Prof. Ed. Física)

Os próximos gráficos apresentam as duas escolhas da segunda turma (42) investigada neste estudo.

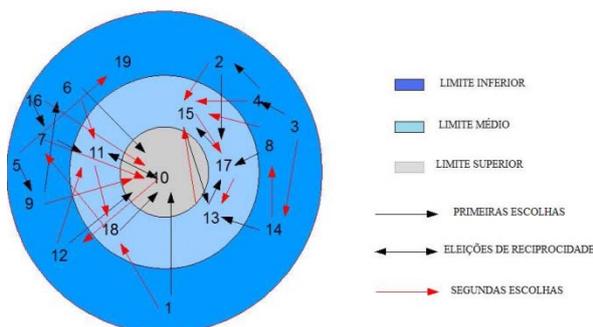


Gráfico 3: Análise das 1ª e 2ª escolhas motoras da turma 42 em um primeiro momento. Ao serem questionados sobre quem escolheriam para sua equipe na aula de educação física, apontaram seus colegas.

Pode-se notar que o aluno 10 se destacou no ponto de vista motor, tendo ao total 8 escolhas, 5 primeiras e 3 segundas, o que mostra sua aptidão motora. Na conversa com a professora de educação física das turmas, ela também deu destaque ao aluno número 10 quando questionada sobre os alunos mais habilidosos no ponto de vista motor, e ainda ressaltou que o menino se relaciona bem com seus colegas afetivamente. Ela disse,

“O R. é bastante tranqüilo, bem educado e tem um bom comportamento”

Ao observar as crianças durante a investigação pode-se notar que, tanto no momento da entrevista com a professora quanto

nos dias do questionário, o menino de número 10 mostrou-se uma liderança dentro da turma. Ele de certa forma ajudava os colegas e puxava pra si a responsabilidade de coordenar, de manter a ordem, um líder bastante influente, e na conversa com a professora ela ressaltou que existem sim alguns líderes, porém não relatou quem seriam,

“[...] na 42 eu não consigo lembrar o nome, tem sim, quer ser líder natural, porque o líder é o mais “forte”, e tem aqueles que te ajudam, tem atenção, que colaboram mais”.

Em estudo realizado por Seminotti, Cruz e Borges (2004) foi constatado que as lideranças em sala de aula existem e são muito comuns, mas que se alteram de acordo com as situações. Quando são exercidas pelos alunos são chamadas lideranças informais, e surgem como representação da necessidade do momento do grupo e de seus membros, e muitas vezes se opõem à liderança formal, no caso o professor. Ainda resalta que existem líderes de tarefas, mais comuns quando existe uma dificuldade material, ou desafio, muito de acordo com a realidade das aulas de educação física na escola, onde geralmente os professores ao realizarem tarefas de grupo, identificam na hora aqueles que tomam a frente, que organizam seus colegas. E ainda existem os líderes emocionais, quando se tratam de assuntos de cunho afetivo.

Nesse momento pode-se lembrar do que já foi dito sobre os papéis sociais, definidos por Bronfenbrenner (1996) como uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição no meio social. Pois, a análise do gráfico motor dessa turma, associada ao questionário propriamente dito, trouxe claramente a idéia de que os alunos escolhiam por diversas vezes o aluno 10, pois esperavam dele o melhor desempenho possível dentro das atividades na aula de educação física. Nesse caso percebe-se que o recurso pessoal ligado a habilidade motora desencadeia uma maior possibilidade de efetivar uma relação interpessoal, mesmo tendo claro que outros aspectos do comportamento humano podem interferir neste processo.

A respeito do gráfico 3, pode-se ainda notar que os alunos 17, 15, 13, 18 e 11 também foram bastante lembrados, mas nenhum revelou características de liderança, e alguns alunos acabaram não sendo citados nesse momento da pesquisa.

O próximo gráfico refere-se a escolha realizada pela turma 42 em um segundo momento, para verificar se as escolhas ainda se mantem como no primeiro momento.

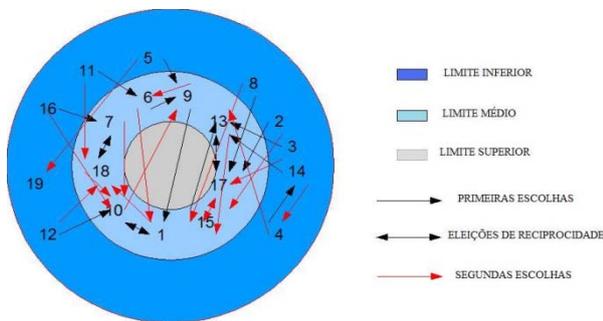


Gráfico 4: Análise das 1ª e 2ª escolhas afetivas da turma 42 em um segundo momento. Ao serem questionados sobre quem convidariam para brincar na sua casa, apontaram seus colegas.

Pode-se notar que não houve um aluno apenas se destacando na turma, no aspecto afetivo. O aluno número 10 mais uma vez se mostrou bastante lembrado pela turma, assim como o 15, 17, 13 e 18. O aluno 11 diferentemente não foi lembrado pela turma, o que mostra certa distância dos demais colegas no parâmetro afetivo. Na realização do questionário, principalmente em um segundo momento pode-se notar que o aluno de número 11 mostrou-se bastante calado, no seu canto, mas com certo nível de estresse bastante forte, o que pode explicar a sua diferenciação dos demais no caráter afetivo, pois no momento das escolhas motoras ele foi bastante lembrado.

Os números 5, 3 e 16 mais uma vez não foram citados. Fato curioso é que o número 5 não foi citado em nenhum momento, afetivo ou motor, o que pode caracterizar certa exclusão da criança. Embora ele não apresentasse comportamentos ou postura inadequadas, ao menos durante a pesquisa, ele nunca foi lembrado pela turma.

Algumas características pessoais podem desencorajar a aproximação de outras crianças. Este conceito proposto por Bronfenbrenner e Morris (1998) denomina-se demandas negativas e podem explicar tal comportamento na turma. Dentro desta hipótese, cabe ressaltar o papel do professor neste contexto (microsistema) como facilitador e mediador, na medida em que deve buscar mudar este papel social que já está sendo esperado pelas outras crianças.

Já o aluno 16 que novamente não foi lembrado pelos colegas, teve sua situação revelada pela professora na entrevista. Ao ser perguntada sobre os alunos que seriam mais

habilidosos, ou apresentavam maior coordenação motora, ela respondeu,

“Eu tenho o B. da 42 ele é muito habilidoso, ele se supera, ele se destaca, só que também ele é muito brigão, se ele estiver em um dia que não sei qual o sentido, ele fica bem, ele é bom nessa questão de afinidade, de estar ali comigo, também quando não está no dia ele se transforma totalmente, ele me responde, bate de frente, mas ele é super habilidoso”.

Esse comportamento bastante inadequado do aluno 16(B.) pode ser fruto da sua relação em um ambiente fora da escola, em outro microsistema, seja na sua casa ou até mesmo na rua. Passos (1996) ressaltava a necessidade do conhecimento sobre o que acontece em toda a realidade escolar e extra-classe dessas crianças, para buscar assim um avanço na compreensão das questões que as levam a ser indisciplinada. E como já sabemos, todas as atividades que acontecem dentro do ambiente que forma o contexto de desenvolvimento de uma criança, tem muita relevância sobre seu comportamento, atos ou até mesmo valores. Portanto, o que essa criança carrega no seu caráter, formado em muitos momentos fora da escola, pode explicar suas atitudes dentro da aula, no caso citado na entrevista, sua inconstância nas aulas de educação física e sua indisciplina por muitas vezes junta a professora. Nesse caso, segundo Bronfenbrenner (1996) a força do mesossistema pode interferir também na qualidade das relações interpessoais na aula de Educação Física.

Considerando o gráfico 4, mais alunos entraram para a faixa do limite médio, o que representa maior variação nas escolhas da turma, e que não existem tantas panelinhas. Agora o que ficou bastante marcado durante a pesquisa foi a grande segregação entre meninos e meninas. Apenas em dois momentos, ainda na turma 41, é que uma menina escolheu um menino como sua preferência em alguma questão e vice-versa. Foi bastante marcante essa separação entre os gêneros.

Ao conversar com a professora, quando perguntada se havia algum tipo de separação entre os gêneros ou se meninos e meninas se mesclavam em algumas atividades, essa foi a resposta obtida.

“Isso sempre acontece, se deixar na atividade para eles escolherem, é muito difícil uma menina escolher um menino e um menino escolher uma menina, muito difícil. Geralmente eles se dividem, tem que intervir e formar os grupos ali, tem que existir a intervenção senão não fazem”.

Essa idéia é reforçada por alguns autores como natural nessa faixa etária, terceira infância

(6-12 anos) conforme abaixo.

Os grupos geralmente são só de meninos ou só de meninas. As crianças de mesmo sexo têm interesses comuns; as meninas geralmente são mais maduras do que os meninos, e as meninas e os meninos brincam e conversam uns com os outros de modos distintos. Os grupos de crianças do mesmo sexo ajudam-nas a aprender comportamentos apropriados ao sexo e a incorporar papéis sexuais em seu auto-conceito. (PAPALIA & OLDS, 2000, p.295)

Bastante comum na idade como já citado anteriormente, essa separação foi muito presente no estudo, ao olhar para o gráfico nota-se que a direita estão colocadas as meninas e a esquerda os números são apenas de meninos, e não há comunicação entre os dois grupos, tanto na primeira escolha quanto na segunda. E nos gráficos da turma 41 há apenas dois casos, já citados anteriormente.

Dentro da aula de educação física é clara essa diferenciação, não apenas nas turmas estudadas como também na experiência que guardo do meu tempo na escola e de turmas com as quais já trabalhei, porém ao avançar da idade é necessário que haja uma união desses dois grupos, ao menos no ensino fundamental, para que possam aprender uns com os outros, em conjunto, levando sempre em consideração que o papel do professor como mediador desse processo é muito importante, pois sempre há algum tipo de brincadeira um pouco mais maldosa, ou uma rivalidade entre os gêneros. São grandes as vantagens do trabalho misto, e se bem feito traz com certeza muita aceitação por parte dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estudo pode-se considerar que as relações interpessoais apresentam características muito dinâmicas, variadas e alterada por muitos fatores dentro do microsistema aula de Educação Física.

Os aspectos emocionais se apresentam como uma grande ferramenta para esse processo de construção e fortalecimento das relações interpessoais, além dos aspectos motores que por muitas vezes invocam papéis a serem cumpridos para que a mesma prossiga.

Pode-se ainda considerar que as crianças são muito separadas por gênero dentro da aula, elas se auto-segregam, muito provavelmente pelas características da faixa etária. Existem líderes dentro das turmas e estes por sua vez são bastante requisitados por outros colegas. Além destes existem os populares, por vezes no quesito afetivo, outras no motor e em alguns casos reúnem os dois atributos, fazendo com que se tornem uma referência dentro da turma, sem às vezes ter esse objetivo.

Em poucos casos pode-se notar exclusão, mas quando essa ocorria tinha motivos bastante pontuais. Por vezes devido a indisciplina e agressividade do excluído, ou também por auto-exclusão.

As crianças se mostravam individualistas, com pouco trabalho em equipe, nas atividades de aula prática e muito provavelmente tinham esse comportamento devido também às suas características etárias. Pois fora da prática mostravam união e brincavam junto.

E por fim, pode-se considerar que a aula de educação física em sua integralidade se apresenta como um potencializador das relações interpessoais, tanto dentro quanto fora da escola, pois muito do que é ali construído atravessa as fronteiras da escola, e as crianças mantêm essas relações em seu dia-dia, em seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

- [1] OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de. Concepção de infância na Educação Física brasileira: Primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 95-109, maio 2005.
- [2] BLADES, Mark; COWIE, Helen; SMITH, Peter K. **Compreender o desenvolvimento da criança**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001. 631 p.
- [3] LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982. 220 p.
- [4] CABALLO, Vicente E.; MARINHO, Maria Luiza. Comportamento anti-social infantil e seu impacto para a competência social. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Lisboa, vol. 3, n. 2, p. 141-147, 2002.
- [5] BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos**

naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 267 p.

[6] NASSER, J. P.; SARTORI, R. F.. Ecologias, psicologia ecologia e políticas públicas de lazer. In: Silvia Helena Koller. (Org). **Ecologia do Desenvolvimento Humano:** pesquisa e intervenção no Brasil. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo livraria e editora Ltda, 2004. 437 p.

[7] NETO, Carlos Alberto Ferreira. **Motricidade e Jogo na Infância.** Rio de Janeiro: Sprint, 2001. 194 p.

[8] TREMEA, Víviam Santin. **O processo de inclusão de um aluno com síndrome de down na aula de educação física em uma escola particular do município de São José-SC: um estudo de caso.** Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano). Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC/CEFID. Florianópolis: UDESC/CEFID, 2004.

[9] MERINO, Eduardo; TENROLLER, Carlos Alberto. **Métodos e planos para o ensino dos esportes.** Canoas: Editora ULBRA, 2006. 204 p.

[10] MARCONI, Marina de Andrade.LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5 ed. - São Paulo : Atlas, 2003 311 p.

[11] APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência:** filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006. 209 p.

[12] MELATTI, Michele. **Contribuições do jogo nas relações interpessoais das crianças de 5 a 10 anos.** 2007. 17 f. Artigo (Graduação em Educação Física) – Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, 2007.

[13] PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 684 p.

[14] BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. A. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W.; LERNER, R. M. (Orgs.). **Handbook of child psychology,** Vol. 1: Theoretical models of human development. New York: John Wiley, 1998. p. 993-1028.

[15] COSTA, Carla F. **Espaços de desenvolvimento da criança:** interface entre as atividades e as relações interpessoais. 2008. 20 f. Artigo (Graduação em Educação Física) – Faculdade da Serra Gaúcha, Caxias do Sul, 2008.

[16] SEMINOTTI, Nedio; BORGES, Beatriz G.; CRUZ, Jamile L.. O pequeno grupo como organizador do ambiente de aprendizagem. **Psico-USF,** Porto Alegre, v. 9, n. 2, p.181-189, 2004.

[17] PASSOS, L. F.. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, J. G.. (Org). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996. p. 117-127.